

FORMAÇÃO E AÇÃO NO CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR - *UFSCURSO* NA PERSPECTIVA DA EXTENSÃO COMO COMUNICAÇÃO

TRAINING AND ACTION IN THE POPULAR PREPARATORY COURSE FOR UNIVERSITY ENTRANCE EXAM - *UFSCURSO* FROM THE PERSPECTIVE OF OUTREACH INTERVENTION AS COMMUNICATION

Submissão:
22/05/2024
Aceite:
12/09/2024

Nataly Carvalho Lopes ¹  <https://orcid.org/0000-0002-5113-8398>
Isabella Mikules de Jesus ²  <https://orcid.org/0009-0003-5615-9547>
Kaminski Zoz Daju Dias ³  <https://orcid.org/0009-0003-5288-1380>
Cassiano Dias Santos ⁴  <https://orcid.org/0009-0002-4711-2010>
Mateus Maiorga Rodrigues ⁵  <https://orcid.org/0000-0003-3434-7101>

Resumo

O UFSCurso existe desde 2009, quando o campus UFSCar Araras passou a contar com os cursos de Licenciaturas em Química, Física e Biologia. Assim, os professores bolsistas da atividade são estudantes não somente das licenciaturas, mas também dos cursos de bacharelado em Agronomia, Agroecologia e Biotecnologia do campus. Desde seu início, a atividade de extensão tem caráter formativo, tanto para os estudantes que nele se formam, com o objetivo de ingressar no ensino superior público, quanto para os professores bolsistas e para os coordenadores. Esses processos formativos são possíveis por meio de uma compreensão da extensão como comunicação, de acordo com os princípios teóricos e conceituais de Paulo Freire. Assim, foi possível constituir dados, a partir dos relatórios anuais dos bolsistas, e interpretá-los, por meio da análise textual discursiva, com vistas à compreensão das potencialidades formativas desta atividade, elementos que são propostos neste trabalho, que compreende discussões do período mais recente de vigência do UFSCurso, entre os anos 2018 e 2023.

Palavras-chave: Docência, Educação, Pré-vestibular, Formação de professores.

¹ Professora do Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação, Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR natalylopes@ufscar.br

² Discente do curso de licenciatura em Química. Universidade Federal de São Carlos UFSCAR bellamj@estudante.ufscar.br

³ Egresso do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR kaminskizoz123@gmail.com

⁴ Discente do curso de licenciatura em Física, Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR cassiano.santos@estudante.ufscar.br

⁵ Discente do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR mateus.maiorga@estudante.ufscar.br

Abstract

The UFSCurso has existed since 2009, when the UFSCar Araras campus offered licenciante degree courses in Chemistry, Physics and Biology. Thus, the teachers of this activity are students that won a scholarship and are not only from licenciante degree courses, but also from Agronomy, Agroecology and Biotechnology. Since its inception, it has been having a formative character for the high school students who have the objective of entering public higher education, for the undergraduate students that won a scholarship for working as teachers as well as for the coordinators. These formative processes are possible taking into consideration outreach intervention as communication, in accordance with the theoretical and conceptual principles of Paulo Freire. Thus, it was possible to constitute data from the scholarship holders' annual reports and interpret them through discursive textual analysis to understand the formative potential of this activity. Some results of this analysis are presented in this article, including discussions of the most recent period of the UFSCurso, from 2018 to 2023.

Keywords: Teaching; Education; Preparatory course for university entrance exam; Teacher training.

Introdução

Como os cursinhos pré-vestibulares populares - CPP se integram às políticas atuais de educação e do projeto de sociedade capitalista dependente na qual vivemos? Como eles podem ser mecanismos de resistência, formação e ascensão social? Mais do que isso, como eles podem se configurar em importante instância de democratização do acesso ao ensino superior e da construção do conhecimento na interação entre universidade e comunidade?

Essas são questões importantes que devemos discutir, quando o assunto é a extensão universitária que ocorre por meio dos cursinhos pré-vestibulares populares. Isto porque tais cursinhos devem se configurar de maneira distinta daqueles oferecidos por instituições de ensino privadas, cuja racionalidade técnica e os lucros se sobrepõem a uma formação crítica, humanista e transformadora. Estes são sentidos de formação que se aproximam do ideal dos cursinhos populares, que são assunto deste trabalho.

Assim, os cursinhos populares buscam integrar uma parcela excluída da sociedade à universidade pública, uma vez que ainda há um distanciamento significativo entre comunidade e universidade. Desse modo, os CPPs são norteados por princípios de justiça social, direitos humanos, inclusão e luta junto aos movimentos sociais, o que os distancia dos cursinhos tradicionais e, portanto, abrange o sentido formativo para além do sucesso nas provas vestibulares.

No exemplo deste trabalho, discutimos aspectos da formação no Cursinho Pré-vestibular Popular da UFSCar - UFSCurso, atividade de extensão desenvolvida no âmbito da Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, cidade do interior do estado de São Paulo. Dentre alguns dos papéis que o UFSCurso busca pôr em prática, temos a formação de cidadãos engajados e críticos para a sociedade. Por conta disso, esse CPP não atua apenas com as aulas regulares para preparar os estudantes aos vestibulares e ENEM, por exemplo. Hoje, temos como pauta apresentar aos alunos de escolas públicas, inclusive aqueles que já se formaram nesta rede de ensino, ambientes, vivências e experiências que as pessoas em vulnerabilidade econômica e social não possuem fácil acesso.

Nesse sentido, destaca-se nessa proposta a base da extensão universitária, que é provocar a mudança social, conforme é bem traduzido por Rodrigues et al. (2013). Seguindo a contextualização trazida pelos autores, a universidade e a comunidade têm laços fortalecidos e aproximados a partir da extensão universitária, pois o contato e o diálogo entre esses públicos geram a possibilidade da elaboração de ações socioeducativas, com o intuito de superar as condições de desigualdade e exclusão predominantes na sociedade.

Além disso, passamos a compreender a extensão como um meio de trocas e compartilhamentos simultâneos, nos quais não há conhecimento novo e transformador sem que haja interação dialógica e verdadeira entre universidade e comunidade (Rodrigues et al., 2013). Para tanto, os processos de formação ocorrem para todos os participantes, no caso do UFSCurso, para a coordenação da atividade, para os alunos da graduação que são professores bolsistas e para os estudantes que frequentam a atividade.

Nessa perspectiva, para que possamos desenvolver reflexões sobre as questões colocadas, bem como respondê-las com base na experiência do UFSCurso, buscamos compreender quais são os sentidos formativos expressos pelos professores bolsistas deste CPP, de maneira investigativa. Assim, neste trabalho, analisamos os relatórios anuais desses professores, a partir do referencial teórico de Paulo Freire e aporte metodológico da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2020), a fim de encontrar indícios desses processos formativos, a partir dos relatos dos professores bolsistas.

Esta investigação é importante tanto para a produção de conteúdo sobre o desenvolvimento da extensão universitária aos moldes da comunicação, proposta por Freire, quanto para a compreensão de como pode ocorrer formação em cursinhos desta natureza, justamente por sua importância no contexto social da atualidade. Este contexto expressa a necessária formação para a justiça social, para o exercício dos direitos humanos, para a equidade, para a manutenção das democracias e para o exercício da cidadania plena.

Processos formativos comunicativos na extensão universitária

Historicamente, a extensão universitária surge no Brasil ao mesmo tempo em que as universidades. Inicialmente, com caráter de prestação de serviço, utilitarista e assistencialista, posteriormente, acompanhando os movimentos de redemocratização do país e de críticas ao elitismo das universidades, passa a ser integrada ao ensino e à pesquisa e toma um caráter de comunicação com a sociedade.

Segundo Jantke e Caro (2013, p. 99)

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados – acadêmico e popular, terá como consequência a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

Assim, é inerente à extensão seu comprometimento com uma formação cidadã, com vistas à justiça social, preceitos democráticos e compromisso de integração da universidade com a comu-

nidade. Desta forma, a formação universitária deve ter a extensão como base para a formação de profissionais comprometidos social, política e ambientalmente, uma vez que também possui caráter diversificado e pode transitar por diferentes áreas do saber sistematizado e popular.

Pensando em um breve histórico sobre a extensão, Carbonari e Pereira (2007) datam os registros com início em 1911, na Universidade Livre de São Paulo, quando as pautas ainda não circundavam problemáticas sociais ou políticas. Posteriormente, em 1931, o Estatuto da Universidade Brasileira acredita em algo mais linear e objetivo, visando a propagação de conhecimentos úteis ao indivíduo e ao todo (nacional). Mais adiante, em 1968, período do golpe militar, houve a Reforma Universitária que reforçou a extensão vinculada ao ensino e à pesquisa. Ao encontro desta ideia, em 1975, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) define a extensão como “meio através do qual a universidade atende a outras instituições e a população e, por outro lado, recebe retroalimentação para o ensino e a pesquisa” (Carbonari; Pereira, 2007).

A partir da década de 1980, a temática é reforçada e, em 1987, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (PROEXT) buscou tornar a extensão algo bem formalizado politicamente. A partir desse contexto, na década de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN - Lei 9394/96) e o Plano Nacional de Extensão (1999-2001) retomam a questão da indissociabilidade das atividades de ensino, extensão e pesquisa (Carbonari; Pereira, 2007). Em 2004, o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior - SINAES estruturou que o valor da extensão ocorre a partir da oferta de educação à comunidade, integrado à pesquisa, também com a necessidade de tal conhecimento gerar um desenvolvimento regional e nacional (Carbonari; Pereira, 2007).

Recentemente, o MEC passou a indicar a extensão como obrigatoriedade no currículo acadêmico, compondo 10% do total da carga horária da graduação (MEC, 2023), processo que tem sido denominado de curricularização da extensão. Antes disso, a curricularização da extensão já havia sido discutida, mas a sua proposição como elemento fundamental do ensino superior foi estabelecida desde a promulgação da LDB de 1996, de modo que “estabelece que a promoção da extensão é uma das finalidades da educação superior, devendo ser aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (Brasil, 1996, s/p).

Assim como propõem Chalub (2012) e Santos (2010 apud Silva, 2020), os processos sociais pelos quais o país passou nas décadas de 1960 até 1980, fizeram com que o papel da universidade fosse repensado, deixando de ser “apenas formadoras de quadros para elite e passaram a atuar mais no processo de desenvolvimento brasileiro, conciliando conhecimento produzido nestas instituições com este novo quadro de urbanização e industrialização” (Chalub, 2012; Santos, 2010 apud Silva, 2020, p. 24). Estas mudanças foram impulsionadas, principalmente, pelos movimentos sociais e pela necessária redemocratização do país. Alves (2014 apud Silva, 2020), considera que a universidade se democratiza ao promover a aproximação de saberes, transformando esta, a qual é uma instituição que historicamente evita o encontro regular com a sociedade, principalmente os setores mais vulneráveis da sociedade brasileira, que são historicamente excluídos do acesso ao ensino superior.

A extensão, tal como está exposta na concepção apresentada exige, por sua vez, uma universidade cuja educação seja vista como direito e não como um privilégio ou um simples serviço. A efetivação dessa concepção somente é possível por meio da democratização do Estado, a qual levará a democratização da universidade (Chauí, 2003). Como aponta Santos (2010, p. 113), “a universidade

é um bem público intimamente ligado ao projeto de país. O que implica na necessidade de oposição à agenda neoliberal que por hora avança na reformulação de diversas políticas públicas brasileiras, as de Ensino Superior entre elas”.

Alinhada a esta agenda, temos enfrentado no território brasileiro uma espécie de desvalorização das universidades públicas, por meio de ideologias disseminadas junto à população, como por exemplo, sobre a precariedade do ensino público, em função da eficiência do ensino particular. Parte desse cenário também pode ser responsabilidade da própria universidade, ao propor poucas ou nenhuma atividade extensionista, ou quando a concepção de extensão é caracterizada por aspectos utilitaristas e assistencialistas, gerando a falta de trocas e de comunicação entre estas instituições e a sociedade. Cabe aqui adensar a noção da formação de um conhecimento produzido cientificamente que não pode, nem consegue de fato, se desvincular totalmente da sociedade e de sua realidade, devendo voltar-se e juntar-se a ela quando estruturado.

Neste sentido, não podemos ignorar o alcance dos projetos de extensão na sociedade, visto que, mesmo que instituições de ensino superior públicas no Brasil sejam consideradas de excelência, a oferta destas ações não chega ao conhecimento de toda a população. Assim, a presença dos projetos de extensão dentro das escolas é essencial para criar uma conexão entre a sociedade e o ambiente universitário, já que possibilita um contato direto e uma troca de experiências e vivências que, em termos da extensão como comunicação, possibilitam a criação de conhecimento novo e partilhado.

Diante essa crítica, a extensão universitária precisa ser repensada e redefinida, de acordo com os preceitos de integração com a sociedade. Não apenas isso, mas seu caráter formativo apenas pode ser estabelecido a partir do diálogo com as comunidades interessadas. Assim, Paulo Freire dispõe de reflexões importantes para este campo: “Daí que, em seu ‘campo associativo’, o termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc.” (Freire, 1983, p.13).

Por isso mesmo, a expressão ‘extensão educativa’ só tem sentido se se toma a educação como prática da ‘domestificação’. Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta.

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (Freire, 1983, p.14).

Uma ideia importante a ser discutida em Freire é sobre o enfrentamento real da condição humana. Principalmente neste período de reforma do ensino médio, que protagonizou o esvaziamento dos conteúdos, ingressar na universidade passa a ser parte de uma possibilidade de ascensão e enfrentamento social. Assim, é necessário compreender a importância formativa dos cursinhos pré-vestibulares populares para este processo, como expressão da extensão concebida como comunicação.

Os cursinhos pré-vestibular populares como atividade de comunicação

Costa, Baiotto e Garces (2013), ao realizarem uma pesquisa junto a estudantes de graduação sobre os aspectos relevantes da extensão para a sua aprendizagem, propuseram categorias importan-

tes que expressavam a aprendizagem para a formação profissional, aprendizagem para a convivência coletiva e inclusão social/compromisso social e aprendizagem para aquisição e/ou mudanças de valor e construção cidadã.

Na primeira categoria, os estudantes demonstraram como passam a conhecer a realidade social. Além do fazer técnico propiciado pelos cursos de graduação, também conhecem perspectivas de trabalho diferenciadas e experiências diferentes daquelas propiciadas pelos estágios. De fato, a extensão universitária, a qual passamos a chamar de comunicação, permite a atuação dos estudantes em áreas diversas, muitas vezes, equidistantes do seu campo de atuação, a exemplo do CPP que investigamos, cujos professores bolsistas são matriculados nos seis cursos de graduação do campus, quais sejam Bacharelado em Agronomia, Biotecnologia, Agroecologia e as licenciaturas em Química, Física e Biologia.

Essa relação extramuros da universidade com sua comunidade ancora e reafirma que a participação em projetos de extensão proporciona e/ou permite aos estudantes universitários a consciência de seu papel profissional e cidadão, ou seja, a participação mais efetiva e sensível frente aos problemas sociais (Costa; Baiotto; Garces, 2013, p.77).

Além destes aspectos formativos, Costa-Renders e Silva (2013) resgatam uma ideia importante sobre o papel social da extensão, uma vez que “Entendemos que, entre outras coisas, a extensão universitária vem, justamente, para questionar a torre de marfim.” (p.84). Na descrição das autoras, isso significa que a extensão pode estar relacionada à justiça social e à democratização do espaço universitário. Essas ideias são complementadas por Jantke e Caro (2013, p.98), ao colocarem que, “Na sociedade capitalista, a extensão poderia existir como uma compensação pelas faltas de políticas sociais, mas quando a colocamos junto ao ensino e à pesquisa, ela se torna a grande força para o processo educativo do ensino superior. Porém, ainda hoje, está longe da formação acadêmica dos estudantes”.

Whitaker (2010, p. 290) aponta os objetivos dos cursinhos pré-vestibulares como aqueles de “neutralizar as barreiras que o sistema capitalista proclama ter destruído, com a estratificação formada por classes “abertas”, mas que, ao mesmo tempo re-construiu a partir da formação de instâncias acessíveis apenas aos que já ocupam as melhores posições na pirâmide social”. Para a autora, o cursinho,

por outro lado, usa e cria práticas e metodologias de ensino, as mais antipedagógicas possíveis, ligadas à memorização pura e simples, como a aula-show e a repetição de fórmulas químicas em ritmos populares, sem tempo para debates, reflexões, críticas e mobilização dos esquemas de assimilação (Piaget, 1966) construídos ao longo do desenvolvimento das estruturas de pensamento do aluno. Enfim, são ações pedagógicas dotadas apenas de ‘violência simbólica’ (Bourdieu & Passeron, 1975) sem grandes preocupações com as descobertas no campo da aprendizagem, ligadas aos estudos científicos sobre Educação e suas epistemologias (Whitaker, 2010, p.290).

Porém, ela reconhece a importância da disponibilidade destes CPP como política pública educacional para pessoas de grupos sociais desfavorecidos, mas coloca estes elementos como paradoxais. A autora atribui a criação dos cursinhos populares nas universidades públicas desde os anos 1970, “O problema é que essas experiências aconteciam dentro dos muros da própria universidade e não tinham visibilidade nem abrangências. Além disso, suas intenções se perdiam face ao brilho e ao marketing das grandes “grifes” que se destacam na cena urbana e são frequentadas pelas elites” (Whitaker, 2010, p.294).

Deste modo, “A instalação de cursinhos populares, para além da boa vontade de Igrejas e ONGs,

é hoje reivindicação social e vai se tornando uma política pública compensatória, exigida muitas vezes pela população”. Por isso mesmo, este tipo de ação se configura atualmente como ação afirmativa, movimento contra desigualdades, racismo, sexismo e transfobia, uma vez que estamos longe de extinguir a necessidade da existência dos cursinhos, então que ao menos eles sejam acessíveis a toda a população. Neste sentido,

Para transformar efetivamente tais práticas em ações afirmativas eficientes, entendo que esse tipo de cursinho precisa de Orientação Profissional e Educacional em dois níveis: (1) no primeiro deles uma orientação coletiva que auxilie o professor e os alunos a compreenderem que a função do cursinho não é apenas preparar para o vestibular, mas fazer a crítica das barreiras que os alunos ali presentes já conseguiram superar (o que lhes garantiria melhora considerável na autoestima); (2) no segundo nível, introduzir novos conteúdos, mostrando que se o aluno não chegar à universidade, o que importa é a sua formação, que pode possibilitar-lhe outros caminhos para a profissionalização (a realização do sonho se tornando até possível, alguns anos mais tarde) (Whitaker, 2010, p.295).

Além dos aspectos apontados pela autora, ressaltamos o potencial de formação dos estudantes da universidade, ao conduzirem a extensão aos modos da comunicação. Neste sentido, a formação ocorre por meio do diálogo, com a mediação das situações de vida dos diferentes atores, com a proposição de conteúdos e temas que vão além das provas vestibulares. O conteúdo programático contempla os problemas do universo dos sujeitos envolvidos, para os quais, o conhecimento novo produzido gera a possibilidade de superação dos problemas.

Outro ponto muito forte que o UFSCurso e os CPPs em geral possuem é a relação de empatia que os universitários desenvolvem nas ações de extensão com a comunidade. Isso porque, a idade e as experiências entre os dois eixos são próximas. Tal característica está relacionada ao que Paulo Freire faz menção, pois sinaliza que em uma extensão assistencialista, o contato entre os acadêmicos não deve se sobrepor a comunidade, mas sim se igualar (Rodrigues et al., 2013).

O UFSCurso interage com os alunos que nele ingressam, de modo que todos possam ter o potencial de serem transformados a partir de um ato educacional, de acordo com Paulo Freire, o conceito de extensão se alicerça na extensão do conhecimento, englobando este ao trabalho de raciocínio mútuo. Como descrito pelo autor, todo ato de pensar exige, para além do sujeito, um objeto, sendo este mediador de signos linguísticos para que se desenvolva uma comunicação entre as partes envolvidas. Com base nessa ideia, apresentamos uma comunicação, na qual ambas as partes entram num processo de colaboração no desenvolvimento educativo, formando por meio do diálogo uma ponte expansionista de saberes.

Portanto, a extensão universitária se compõe da troca entre os estudantes presentes no ambiente universitário e em seu domínio como local de crescimento científico, e aos estudantes da sociedade em geral que ainda não adentraram em um curso de graduação, não significando necessariamente que essa troca seja necessária apenas para os que pretendem ingressar em uma universidade., mas sim a todos os seres envolvidos que independentemente constituem a mesma sociedade, o mesmo tempo e espaço sobre um território.

Como mencionado por Silva (1997), a universidade, através da extensão, tanto influencia como é influenciada pela comunidade, por sua cultura, ocorrendo uma troca de valores entre a universidade e o meio ao qual ela se encontra inserida: “Assim, o conhecimento não se traduz em privilégio apenas da minoria que é aprovada no vestibular, mas difundido pela comunidade, consoante os próprios interesses dessa mesma comunidade”.

Diante deste pensamento, entendemos que a extensão concede ao aluno em sua formação, um aprendizado e uma convivência com as problemáticas relacionadas à realidade, mais do que isso, ela desloca o eixo pedagógico professor-aluno, para redirecioná-lo a aluno-comunidade, cabendo o professor atuar como coparticipante, orientador, tutor, educador e pedagogo. Esses aspectos tornam-se presentes no UFSCurso, quando os alunos bolsistas do projeto têm um espaço amplo para agrupar suas ideias, esquematizar atividades a serem realizadas, e em conjunto optar pelos melhores caminhos a serem seguidos dentro do que o projeto se propõe a atender. Tendo estes espaços de liberdade assegurados, de modo que

Certas habilidades adquiridas na extensão não são usualmente assimiladas na experiência do ensino formal (por meio de disciplinas), tais como: capacidade de interagir e organizar o trabalho em equipes (especialmente as multidisciplinares); saber ouvir e saber comunicar diante de públicos diversos e diferentes daqueles que circulam no meio acadêmico (Degreas; Katakura, 2009; Muscio, 2011; Laursen et al., 2012; Matthews 2012 apud Coelho, 2014, p. 16).

Weiler et al. (2013) verificaram, por meio de uma abordagem quantitativa, que os estudantes que participaram de uma atividade de extensão de apoio a jovens em situação de risco, quando comparados com estudantes que não passaram por experiência equivalente, apresentam maior confiança em sua própria capacidade de contribuir para a comunidade, maior autoestima, maior valorização de ações de valor cívico, e maior capacidade de resolver problemas e de solucionar questões de relacionamento interpessoal (Coelho, 2014, p. 17).

Neste sentido, a extensão universitária tem o propósito de preparar profissionais, mas também pode ser utilizada como termômetro para a leitura da sociedade e suas necessidades. A integração de um CPP a uma faculdade com cursos de licenciatura pode ser potencial, justamente para as discussões que acontecem dentro das aulas focadas em metodologia e formação de professores. As aulas, muitas vezes, são pautadas em discussões entre os alunos e professores, e, aliando isso às vivências reais, podem agregar e redirecionar o foco do que é necessário tratar na formação dos profissionais da educação.

Assim, a pesquisa também pode contribuir com os processos formativos neste tipo de comunicação, pois ajuda a construir um conhecimento que sistematize ações, divulgue situações e exemplos em que há evidências de ações educativas importantes e potenciais para a superação dos problemas que atingem as comunidades socialmente vulneráveis. Além disso, contribui para evidenciar a luta pela igualdade, contra os preconceitos raciais e de gênero e formaliza um campo de estudos no qual interagem pesquisa, ensino e extensão.

Metodologia

O curso pré-vestibular popular da UFSCar campus Araras, UFSCurso, existe desde 2009, ano em que também foram iniciados os cursos de licenciatura em Física, Química e Biologia deste campus universitário. Assim, a iniciativa partiu de um pensamento formativo que compreendia a extensão como elemento fundamental para a formação dos estudantes universitários, em interação comunicativa com a comunidade.

Desde o início, esta atividade é composta por 16 estudantes bolsistas de todos os cursos do campus, que inclui também os bacharelados em Agronomia, Biotecnologia e Agroecologia, além de

um coordenador, docente deste campus. Esses bolsistas são selecionados por meio de entrevistas e prova didática, quando são avaliados em função de seu engajamento nas pautas do CPP, bem como da possibilidade de atuação conjunta à equipe de trabalho e disponibilidade para se dedicar às ações e processos formativos do UFSCurso.

Anualmente, são ofertadas 120 vagas para estudantes dos segundos e terceiros anos do ensino médio e egressos dessa modalidade de educação pública. Com a grande procura por vagas, a seleção dos alunos é feita por meio de análise socioeconômica e uma prova, cujo maior objetivo é compreender as necessidades formativas dos estudantes. A cada ano, temos nos aprimorado em divulgar os UFSCurso nas comunidades com maior público potencial, além de orientar as atividades para a melhoria da permanência estudantil e combate à evasão, que são os maiores desafios atualmente. Os estudantes que superaram esses problemas e permanecem no UFSCurso até o final das atividades anuais têm uma taxa de aprovação e ingresso em universidades públicas que alcança em torno de 80%.

Ao longo dos anos, o CPP tem tido diversas configurações, de modo a compor ações com docentes dos cursos de licenciatura para a formação dos professores bolsistas, bem como configurações estruturais, no sentido da oferta das aulas, concepção, método e foco. Desde 2017, o CPP tem como coordenadora uma das autoras deste trabalho, que é docente do curso de licenciatura em Física e pesquisadora na área de ensino de ciências. Os demais autores são professores bolsistas, o que ajuda a caracterizar os aspectos da pesquisa e da formação nesta atividade de extensão.

Neste período de existência do UFSCurso, a atividade se desenvolveu de maneiras diferentes, porém, nos últimos anos, temos tentado convergir as ações para fins de caracterizar cada vez mais a extensão como comunicação. Exemplos dessas ações são o diálogo cada vez mais próximo e igualitário entre os bolsistas, coordenadora, estudantes, representantes do campus universitário e as tentativas, ainda incipientes, de compor parcerias com o poder público local.

Também há ações anti-preconceituosas, como a reserva de vagas para estudantes trans e negros nos processos seletivos, atenção às temáticas de raça e gênero, garantidas por este diálogo amplo e irrestrito. Ademais, alinhados às discussões teóricas que propomos neste trabalho, os conteúdos das aulas ultrapassam aqueles que são tradicionalmente cobrados nos exames vestibulares, em atenção à saúde mental, ao acolhimento e ao desenvolvimento da crítica nos estudantes. Esses conteúdos são abordados não somente em sala de aula, mas em espaços diversos da universidade, em viagens de campo e propostas de eventos diversificados.

Neste sentido, procuramos compor a atividade de comunicação para além dos muros da universidade, valorizando as presenças, as experiências, os conhecimentos e as histórias de vida de cada um dos estudantes. Para os bolsistas, também há uma valorização de suas participações na atividade, uma vez que eles são responsáveis por grande parte da sua organização, exceto as ações burocráticas, que ficam a cargo da coordenadora. As orientações para tais ações são sempre baseadas em leituras e discussões realizadas com o grupo semanalmente, em reuniões de organização, orientação e estudos.

Assim, também é importante ressaltar que o UFSCurso enfrentou o isolamento social devido à pandemia de COVID-19 e encontra-se em uma fase de busca por meios de trazer novamente as pessoas para universidade, uma vez que muitos se habituaram às aulas e ao trabalho remoto e ainda há resistências pessoais e sistêmicas para este retorno. As razões sistêmicas, certamente são aquelas que mais impactam atualmente nos números de evasão, pois as pessoas ainda sofrem com os impactos econômicos da pandemia e o deslocamento até a universidade, onde ocorrem as aulas, é um problema real.

Mesmo assim, desde 2022, o UFSCurso retomou as aulas presenciais, inicialmente com uma proposta híbrida e, recentemente, totalmente presencial. Assim, mesmo com os enfrentamentos, o projeto se mantém com ideais democráticos, formativos e comunicativos, de modo que julgamos importante acompanhar o andamento das atividades por meio de uma investigação sistematizada.

Anualmente, os professores bolsistas são convidados a elaborar um relatório cujas questões norteadoras compreendem uma discussão sobre as reuniões pedagógicas e administrativas, o processo seletivo de alunos do UFSCurso, as aulas regulares, a elaboração e aplicação de simulados, elaboração de materiais didáticos, acompanhamento da evasão e desempenho dos alunos do cursinho, divulgação do UFSCurso e desafios e perspectivas para o projeto. A partir do desenvolvimento dessas questões, buscamos interpretar os sentidos formativos expressos pelos 16 professores bolsistas nos relatórios referentes ao ano de 2022 e, assim, contribuir para o aprimoramento da atividade de extensão proposta, para o campo da pesquisa em ensino e em extensão e para a própria extensão universitária.

Assim, o corpus da pesquisa é constituído pela seleção de trechos destes relatórios elaborados pelos bolsistas referentes às ações realizadas no ano de 2022. Os trechos expressam percepções sobre como ocorrem processos formativos dos graduandos bolsistas no âmbito do UFSCurso. Foram analisados os relatórios de todos os 16 bolsistas, que são oriundos de todos os cursos de graduação do campus.

Para fins de análise, nos amparamos na Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiuzzi, 2020). Esse tipo de análise se baseia em 4 focos, cujos três primeiros correspondem a um ciclo com os seguintes elementos principais:

1. Desmontagem do texto: também denominado de processo de unitarização, implica analisar os textos em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de produzir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados;
2. Estabelecimento de relações: este processo denominado de categorização envolve construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo estes elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias.
3. Captação do novo emergente: a intensa impregnação nos materiais de análise desencadeada nos dois focos anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço de explicar a compreensão que se apresenta como produto de uma combinação dos elementos ao longo dos passos anteriores (Moraes; Galiuzzi, 2020, p.34).

Por último, os autores propõem um “Processo auto-organizado”, no qual a partir dos resultados novos e imprevisíveis, seja possível a emergência do novo. Para o processo de unitarização, procedemos com a desmontagem dos textos, codificando cada unidade, de modo a reescrevê-las assumindo um significado e, por fim, atribuindo um título para cada unidade. A partir daí, foram constituídas as categorias que expressam conjuntos destas unidades, tais categorias seguem descritas, para fins de análises deste trabalho.

Uma questão importante que a leitura dos relatórios suscita é que nem todos os bolsistas expressaram aspectos de sua formação nos relatórios. Muitos apontam questões relacionadas à formação dos estudantes e elementos que poderiam ser aprimorados em termos do projeto, para fins de melhoria

no aprendizado dos alunos. Embora apenas uma entrevista sistematizada pudesse nos evidenciar os motivos reais destes aspectos, podemos supor como muitos bolsistas podem ainda não compreender o UFSCurso como espaço formativo, de modo que é necessário compor cada vez mais esta atividade de extensão com ensino e pesquisa.

Assim, a partir dos processos propostos pela ATD, pudemos identificar como principais categorias: percepção formativa entre o mundo do trabalho e sociedade; importância e características da interação Universidade/Comunidade nos projetos de extensão; interesse docente e ressignificação da graduação por meio da extensão; configuração das aulas, dinamismo e processo de ensino.

Percepção formativa entre o mundo do trabalho e sociedade

Para a primeira categoria, que elegemos “percepção formativa diferente entre alunos dos cursos de bacharelado e licenciatura”, as discussões se pautam em como os professores bolsistas percebem seus processos formativos e desenvolvimento profissional e pessoal no âmbito desta atividade de extensão. A partir dos trechos dos relatórios analisados, foi possível compreender diferenças entre essas percepções, de acordo com a orientação da modalidade do curso de cada participante, bacharelado ou licenciatura.

Para estudantes dos cursos de bacharelado, a concepção de formação estava mais relacionada aos aspectos do mundo profissional, como expressos nos trechos a seguir, retirados de relatórios de estudantes dos cursos de bacharelado: “desenvolvimento da aprendizagem em grupo, onde todos poderiam contribuir com suas visões, conclusões e experiências.” “O projeto foi importante em diferentes esferas dentro da formação profissional do bolsista. Como por exemplo, o desenvolvimento de habilidades de trabalho em equipe, organização de eventos, adequação a prazos, adaptabilidade e resiliência diante a imprevistos”.

Interessados na formação e atuação profissional, os alunos dos cursos de licenciatura também se preocupavam com a aprendizagem de habilidades do mundo do trabalho, mas incluíram aspectos de uma formação socialmente responsável, como nos textos a seguir, retirados de relatórios de estudantes dos cursos de licenciatura: “Penso o UFSCurso como uma maneira de atuar além de profissionalmente, politicamente tendo em vista a força que o projeto tem de atuar com a cidade e com pessoas com situação socioeconômica em desvantagem em relação a outros.”; “Para isso, acredito que todos os envolvidos no projeto devam ter um envolvimento pessoal com o projeto, de forma a compreender que a extensão de estrutura não só como um projeto remunerado, mas sim um projeto social que permite que os alunos de dentro da universidade abram portas para que outras pessoas obtenham as mesmas oportunidades e que a universidade seja mais plural e democrática dessa forma.”.

Neste contexto, observamos que os alunos de bacharelado apresentam uma noção mais pessoal em relação ao seu papel no UFSCurso, junto a uma concepção de desenvolvimento profissional e de atuação dentro do mercado de trabalho. Ambas as visões são importantes e contemplam elementos propositores da extensão universitária, uma vez que o que está posto neste tipo de atividade é justamente a interação com a comunidade e, portanto, existe a possibilidade de desenvolvimentos formativos diversos.

Esta análise também indica que o UFSCurso precisa ser composto, cada vez mais, por pessoas diversas em perspectivas, formações e interesses, de modo a validar sua pluralidade, ao mesmo tempo em que há a necessidade de aprofundar os estudos e as discussões sobre a extensão como comunicação e o papel político, social e transformador da universidade.

Ainda neste sentido, alunos dos cursos de bacharelado relataram sobre como um projeto como este tende a ajudá-los a aprimorar suas noções de realidade, de vocalização e de perda de inseguranças, ao ter que lidar diretamente com o público da comunidade. Tal noção ainda fortalece a atenção que esses estudantes tendem a ter com as problemáticas da comunidade e da educação pública, como apontado por um dos bolsistas matriculado em um curso de bacharelado: “Apesar da minha graduação não estar diretamente relacionada com a licenciatura e a disciplina de história, a prática e conhecimento de ambas é importante para o fazer da Agroecologia na sociedade e mais amplamente da ciência no mundo contemporâneo, tão marcado pela necessidade de comunicação efetiva e leitura crítica da realidade”.

Também é possível analisar relatos a respeito do quanto esse tipo de projeto potencializa habilidades de desenvolvimento, como trabalho em equipe, liderança, responsabilidade, organização de eventos e a lida com imprevistos que podem ocorrer no cotidiano. Assim, esta categoria expressa os aspectos formativos do ponto de vista dos professores bolsistas, que se vincula à ideia de ensino no âmbito das atividades de comunicação.

Ao mesmo tempo, a pesquisa e a formação de pessoas hábeis para o desenvolvimento da pesquisa ainda foram componentes silenciados, tendo em vista que não foram expressos em nenhum relatório. Isso nos ajuda a discutir a complexidade da extensão como comunicação, do ponto de vista de seus múltiplos aspectos e que, por isso mesmo, o comum é que este tipo de atividade se componha simplesmente como extensão, aos moldes tradicionais.

A importância e as características da interação universidade e comunidade nos projetos de extensão

A segunda categoria se debruçou sobre a proximidade dos professores bolsistas com os alunos do CPP, acarretando discussões sobre a importância e as características da interação universidade e comunidade nos projetos de extensão. Nesta categoria, foram expostos aspectos sobre o papel político e da democratização da educação por meio deste tipo de projeto.

Destaca-se, para este ponto, o entrelaçamento das propostas trabalhadas nas reuniões de equipe dentro do projeto, quando são realizadas leituras e apresentações de trabalhos com temas diversos e complexos, que trazem novos olhares para a compreensão de problemas sociais comuns e pertinentes à sociedade. O projeto ainda oferece palestras, feiras e diversas atividades extra aula no próprio campus, a fim de aproximar os alunos da comunidade com os alunos da universidade. Ações como essa promovem diversidade de trabalho e comunicação.

Estas análises puderam ser realizadas a partir dos excertos dos relatórios dos professores bolsistas, a exemplo dos que seguem: “Nas reuniões foram realizadas leituras de textos selecionados pelos próprios bolsistas. A partir da leitura dos textos indicados, uma dupla desenvolvia uma apresentação para direcionar uma discussão do grupo sobre o texto, visando o desenvolvimento da aprendizagem em grupo, onde todos poderiam contribuir com suas visões, conclusões e experiências”; “Gosto da interação que temos com nossos alunos e de ajudar os mesmos a se prepararem para a vida e para os vestibulares”.

Cabe destacar a vivência dos alunos em conjunto para administrar as redes sociais do cursinho, atuando na divulgação não apenas pela internet, mas estando presente em escolas da cidade e em contato direto nas ruas da comunidade. Como apontado por um dos bolsistas do projeto, essas ações ainda possuem um propósito de mostrar à sociedade as ações da universidade pública, como demons-

tram os trechos a seguir: “em paralelo às aulas os bolsistas em conjunto administram as contas das redes sociais com o intuito de divulgar e auxiliar a sociedade a conhecer o cursinho e a universidade pública.”; “Além disso, o UFSCurso tem um papel muito importante, fora passar o conteúdo necessário para a realização do ENEM e vestibulares, um dos propósitos é mostrar à sociedade o que a Universidade Pública realiza e permitir esse primeiro contato com a instituição de ensino superior”.

Ao longo dos anos de existência do UFSCurso, tivemos alunos aprovados no vestibular e que ingressaram na própria IES, tornando-se professores bolsistas da atividade, exemplo de ação que possibilita uma formação importante e contínua para os futuros profissionais que se formam na universidade. Esse aspecto apresenta um potencial de formação social e conhecimento da responsabilidade da universidade com a comunidade.

Mas é necessário ressaltar o que Silva (1997) e Whitaker (2010) apontam, ao trazerem a noção da extensão não sendo benéfica apenas para o processo de aprovação em vestibulares (no caso dos CPPs), mas também para o seu papel como meio de garantia dos conhecimentos que podem ser utilizados na possibilidade de se aventurar em qualquer caminho desejado, não sendo necessariamente o universitário, além da possibilidade da formação de pensamento crítico.

Interesse docente e ressignificação da graduação por meio da extensão

Esta categoria chama atenção para a importância da extensão nos cursos de graduação, uma vez que vislumbra a possibilidade de que os alunos bolsistas ressignifiquem suas experiências universitárias, por meio de vivências externas ao campus e às responsabilidades rotineiras das disciplinas. Mesmo em comparação com o ingresso na pesquisa, por meio da iniciação científica, a extensão possibilita um contato direto com a sociedade e com os contextos nos quais os futuros profissionais serão imersos. Neste sentido, o potencial formativo da extensão se esclarece por formar pessoas com competência comunicativa, competência para o reconhecimento e para a superação de problemas, bem como conscientes de seu papel social.

Os trechos que nos permitem o desenvolvimento desta categoria se referem a: “Primordialmente, entrei no programa porque eu senti que precisava de um contato maior com a sala de aula para ressignificar minha graduação. Eu escolhi fazer licenciatura por me identificar muito com o perfil do trabalho de um professor, porém ao longo do tempo me senti distante da faculdade e acredito que seja porque não esteja vivendo a experiência de estar em uma sala de aula.”; “Antes do projeto eu tinha uma ideia que foi totalmente alterada, pois aprendi de fato a formular aulas para os meus alunos e ter uma experiência que nunca tive antes com o exercício da docência, passando da forma EAD como eu já estava acostumado por conta da pandemia para a forma presencial”.

A extensão, aos moldes da comunicação, quando realizada de modo a compor um processo formativo junto ao ensino de graduação, pode de fato, trazer sentido às práticas profissionais, uma vez que os estágios nem sempre podem ser relacionados às áreas de estudo dos graduandos ou podem não os inserir imediatamente na realidade em que irão atuar depois de formados. O UFSCurso, a despeito de ter bolsistas dos cursos de bacharelado ou de licenciatura, possui uma experiência fundamental para que eles compreendam que a atuação profissional é mais complexa que a execução das tarefas para as quais as disciplinas os prepararam. A interação direta com a comunidade, com a luta por melhores condições de ensino e por equidade, possibilita que os bolsistas compreendam que a universidade precisa ser plural, democrática e democratizada e como o papel do professor é fundamental nesse processo.

Assim, as características desta atividade tiram os estudantes de seu isolamento, assim como apontado por Costa-Renders e Silva (2013), ao apontarem a comunicação como sendo o elemento que finalmente acaba com a ideia de universidade como “torre de marfim” e faz com que os estudantes percebam a sua responsabilidade social, juntamente com a profissional.

Configurações das aulas, dinamismo e processo de ensino

Nessa categoria, é possível analisar os processos formativos dos bolsistas, na medida em que eles adquirem autonomia para organizar e planejar as aulas, de acordo com as compreensões que realizam sobre seus alunos e as suas necessidades. Nos relatos dos bolsistas, são apresentados trechos como: “Quando eram assuntos difíceis de abstrações, utilizei de recursos como vídeos e jogos, com a finalidade de ser algo mais lúdico e que motivasse os alunos diante a longa carga horária de aulas na qual os alunos estão inseridos - dentro e fora do projeto”; “Trabalhei estruturas de produção de texto com enfoque no ENEM, tentando sempre trazer temas atuais que proporcionassem um amplo repertório sociocultural de forma crítica, autônoma e ética”; “Partindo de acontecimentos do cotidiano, foram feitas discussões com os alunos, a fim de estimular que eles compartilhassem suas experiências para a construção do conhecimento de forma conjunta”.

O CPP propicia a utilização dos conhecimentos provenientes das matérias da grade dos cursos de licenciatura existentes na graduação e relacioná-los ao cotidiano do projeto, auxiliando na escolha de metodologias de ensino a serem trabalhadas. Como por muitos abordado, o cursinho oferece um caminho facilitador de se aproximar a experiência da docência à experiência dos graduandos, fortalecendo tal contato perante os desafios da sala de aula. Os professores bolsistas apontam a facilidade que se promove em formular aulas quando em contato com o projeto, conseguindo expô-las e desempenhá-las frente à turma.

Atribui-se tal formulação às ideias aqui já expressas por Degreas e Katakura (2009), Muscio (2011), Laursen et al. (2012), Mattheus (2012 apud Coelho, 2014), ao apontarem que existem habilidades adquiridas na extensão universitária que não são encontradas ou trabalhadas no ensino formal. Os autores citam, ainda, algumas dessas habilidades como a capacidade de comunicação diversa e trabalho em equipe.

Portanto, o projeto tem o poder de levar aos alunos uma análise crítica da sociedade na qual estão inseridos e, quando presentes nas aulas dos professores, diversos assuntos do cotidiano e acontecimentos políticos entram em pauta. Como apontado por Alves (2014 apud Silva, 2020) anteriormente, ao considerar saberes como os citados, estaríamos agregando o processo de democratização da instituição. Tal processo ainda tem o aspecto positivo de fortalecer a consciência do papel profissional e cidadão do indivíduo, que, por sua vez, agregará na visão de realidade e posicionamento perante problemas sociais, como mencionado por Costa, Baiotto e Garces (2013).

Nesta categoria, podemos analisar como o UFSCurso possibilita a transformação da autonomia dos professores, quando reconhecem não somente qual é o conteúdo programático relevante para as aulas, aos moldes de Freire, ao propor que o conteúdo seja proveniente do universo de temas que circundam a vida e a interação dialógica das pessoas. Ao mesmo tempo, além da escolha dos conteúdos, os professores bolsistas são capazes de tomar decisões quanto aos métodos e materiais de aulas.

Enfim, através dos destaques aqui colocados podemos assimilar algumas ideias, como as trazidas anteriormente pelos autores Costa-Render e Silva (2013); Jantke e Caro (2013); e Silva (1997),

ao relacionarem o processo de extensão ao afrontamento da sociedade, expressando a necessidade de justiça social, de democracia, de poder compensatório perante as mazelas do capitalismo quanto às políticas sociais, políticas públicas, na luta contra o preconceito e desigualdade, e no ciclo a ser gerado pelo fluxo acadêmico do conhecimento (universidade - sociedade - universidade).

Conclusões

Este trabalho foi motivado pela necessidade de compormos a comunicação universitária à pesquisa e ao ensino, na medida em que o fator integrador pode ser expresso pelos processos formativos dos atores envolvidos. Neste caso, propusemos análises desses aspectos a partir dos relatórios dos professores bolsistas do UFSCurso para o ano de 2022. E, apesar de todos os desafios que se aprofundaram ao longo dos últimos anos, tanto devido à pandemia de COVID-19 quanto devido aos constantes ataques à educação pública e aos processos democráticos, as discussões aqui expostas puderam lançar luz à importância dos CPP e da comunicação universitária.

As categorias que propusemos se aproximam substancialmente daquelas discutidas por Costa, Baiotto e Garces (2013), uma vez que ambos os trabalhos se propuseram a analisar processos formativos de alunos graduandos na extensão universitária. Entretanto, o distanciamento temporal entre estes dois trabalhos expressa diferenças contextuais importantes, que se colocam como limites ainda mais acentuados à extensão na atualidade, num contexto pós-pandêmico e de recentes ataques à democracia, ao conhecimento científico, à universidade, à saúde, ao bem-estar, à diversidade e à autonomia da sociedade brasileira. Neste sentido, perpetua-se ainda mais a necessária existência dos CPPs, com caráter de comunicação, cuja formação dos envolvidos é fundamental para a superação dos problemas que são postos como perigo para a sociedade atual.

Ainda, a extensão aos moldes tradicionais, invisibiliza a complexidade da sociedade e isola a universidade, pois não é pautada nos preceitos da comunicação e da constituição de conhecimento novo e relevante a partir desse encontro entre comunidade e academia. A complexidade da extensão como comunicação, compreende ainda aspectos de ensino e de pesquisa, com potencial para a pesquisa voltada para a ação, como aquela que é sempre voltada à resolução dos problemas e dos conflitos daquela comunidade.

O indivíduo universitário que está inserido na extensão, constrói um ambiente de vivências, onde, alguns aspectos que se destacam neste processo são: a formação de autonomia, o autodesenvolvimento, a autoaprendizagem e os processos individuais mediados pelas inter-relações com o outro e com o contexto (Síveres, 2013). Tais elementos puderam ser observados nas categorias analisadas, como expresso pelos bolsistas sobre seus processos formativos no UFSCurso.

Contudo, através das análises dos relatórios, nota-se uma necessidade de desenvolvimento de pesquisas como a presente, a fim buscar entender quais são as principais problemáticas enfrentadas pelos cursinhos populares, sempre relacionando estes ao seu papel de comunicação. Foi observado que dentre as possibilidades, um projeto de extensão como este tende a favorecer um crescimento profissional para os estudantes perante as questões relacionadas à prática da docência. Os alunos se sentem mais seguros, aprendem por meio da aula presencial a solucionar problemas em sala, em perceber quais metodologias de ensino melhor correspondem para o dinamismo de suas aulas, além de funcionar como quebra de barreira aos alunos que possuem dificuldade de trabalhar em equipe, vergonha e nervosismo de falar em público, dentre outras questões por eles retratadas em suas respostas escritas nos relatórios.

Outro ponto a ser destacado refere-se ao poder dos projetos de extensão em trazer uma nova forma de se observar a sociedade, mais criticamente, preocupando-se com as dificuldades que tantos estudantes passam, sendo estas espelho de nossa própria realidade. O olhar crítico do aluno promove mudanças na extensão, principalmente quando encontramos estes incorporados dentro de uma instituição pública, faz-se aqui uma analogia ao processo de empatia e de importância sobre universidade e sociedade.

Por último, é importante que indiquemos a necessidade de se conhecer cada vez mais este tipo de atividade, por meio do desenvolvimento sistemático de pesquisas, que tenham por objetivo divulgar, analisar e gerar conhecimento novo e relevante sobre a comunicação universitária e os cursinhos pré-vestibulares populares como redutos de resistência e formação.

Referências

- COSTA-RENDER, E. C.; SILVA, L. D. A extensão e o alargamento do espaço de ensino-aprendizagem na educação superior. In: SÍVERES, L. (Org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 81-96.
- JANTIKE, R. V.; CARO, S. M. P. A extensão e o exercício da cidadania. In: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 97-108.
- CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, Itatiba, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.
- CHAUÍ, M. A. Universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, set./out./nov./dez. 2003.
- COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista em Extensão**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2015. DOI: 10.14393/REE-v13n22014_art01.
- COSTA, A. P. C.; BAIOTO, C. R.; GARCES, S. B. B. Aprendizagem: o olhar da extensão. In: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 61-81.
- DEGREAS, H. N.; KATAKURA, P. Prática experimental em ambiente acadêmico: relato de experiência desenvolvida no escritório-modelo do curso de Arquitetura e Urbanismo do FIAM-FAAM Centro Universitário. **Extensão em Foco**, Curitiba, n. 3, p. 173-181, jan.-jul. 2009.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2020. (Coleção Educação em Ciências).
- WHITAKER, D. C. A. Vestibulares, cursinhos populares e orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 11, n. 2, p. 289-297, jul./dez. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Extensão na Educação Superior Brasileira**. 2023. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/84291-extensao-na-educacao-superior-brasileira>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.
- RODRIGUES, A. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B.; COSTA, C. L. N.; PASSOS NETO, C. F. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação**, Aracaju, v. 1, n. 16, p. 141-148, mar. 2013. Disponível em: [oai:ojs.periodicos.set.edu.br/article/494](http://ojs.periodicos.set.edu.br/article/494). Acesso em: 30 ago. 2023.
- OLIVEIRA, L. A. Extensão universitária socialmente orientada enquanto resistência epistemológica: possibilidades emancipatórias. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/33737>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- SILVA, O. da. O que é extensão universitária. **Revista Integração: Ensino, Pesquisa e Extensão**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997. Disponível em: <http://www.usjt.br/prppg/revista/>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- SILVA, P. W. Extensão universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão e Sociedade**, ed. 2020.2, e-ISSN 2178-6054, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

Contribuição dos autores

Os autores deste texto são a coordenadora e professores bolsistas do UFSCurso que desenvolveram conjuntamente um processo de análise dos materiais disponíveis no projeto. Todos possuem igual caráter e investimento na escrita do artigo.